

## POTENCIALIDADES DO WHATSAPP NUM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE PRÁTICAS ALIMENTARES NA GERAÇÃO MILLENNIAL

### POTENTIALITIES OF WHATSAPP IN A MIXED QUALITATIVE STUDY ON FOOD PRACTICES WITHIN A MILLENNIAL POPULATION

María Suárez Gómez<sup>1</sup>

Rosalina Pisco Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto discute as potencialidades da plataforma WhatsApp no contexto mais amplo de uma investigação qualitativa sobre práticas alimentares entre a geração *Millennial*. Um estudo qualitativo misto foi desenvolvido em 2019, com 22 *millennials*, portugueses e espanhóis, conjugando um diário de alimentação partilhado através de WhatsApp com uma entrevista semiestruturada. A análise de dados e interpretação de resultados apoiada por NVivo fez emergir três temas chave para a problematização do recurso ao WhatsApp enquanto ferramenta ao serviço da investigação qualitativa: (1) o compromisso gerado entre entrevistadora e informante através da partilha por WhatsApp; (2) a gestão das expectativas em face de um eventual *digital divide* entre entrevistadora e informante; (3) e a questão ética associada à partilha de informação em rede. Como conclusão destaca-se a mais valia da ferramenta, assim como a necessidade de estabelecer directrizes éticas em torno da segurança, privacidade e integridade dos dados assim recolhidos.

**Palavras-chave:** *Millennials*; Práticas Alimentares; WhatsApp; Metodologia Qualitativa.

**Abstract:** This paper discusses the potential of the WhatsApp platform in the broader context of a qualitative research regarding food practices among the Millennial generation. A mixed qualitative study was developed in 2019, with 22 millennials, both Portuguese and Spanish, combining a shared food diary via WhatsApp with a semi-structured interview. Data analysis and interpretation of results with NVivo brought out three key themes for questioning the use of WhatsApp as a tool at the service of qualitative research: (1) the commitment generated between interviewer and informant through sharing information via WhatsApp; (2) the management of expectations in the face of an eventual digital divide between interviewer and informant; and (3) the ethics associated with digital information sharing. In conclusion, the added value of the tool is highlighted, as well as the need to establish ethical guidelines for the security, privacy and integrity of the data collected through WhatsApp.

**Keywords:** Millennials; Food Practices; WhatsApp; Qualitative Methods.

## 1 Introdução

A transição para a idade adulta parece ser um estágio crítico no desenvolvimento de padrões (não) saudáveis de escolha de alimentos pelos jovens (BEASLEY;

---

<sup>1</sup>Doutora pela Universidade de Extremadura (UEx). Assistente Hospitalar de Psiquiatria no Hospital José Joaquim Fernandes de Beja (HJJF). Beja, Portugal. E-mail: [maria.suarez.gmez@gmail.com](mailto:maria.suarez.gmez@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ULisboa). Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora (UÉvora) e investigadora integrada no CICS.NOVA. Évora, Portugal. E-mail: [rosalina@uevora.pt](mailto:rosalina@uevora.pt)

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

HACKETT; MAXWELL, 2004, p. 355-363). Entre muitas influências, também a família de origem parece determinar as práticas, dinâmicas e contextos de consumo de alimentos (SOGARI *et al.*, 2018, p. 1823.). Quando vivem de forma independente, que pratos cozinham os jovens *millennials*? Incorporam alguns dos identificados como pratos tradicionais no seu dia a dia? Se sim, porque o fazem?

Este tópico é tão interessante quanto a geração *Millennial* é apresentada como uma geração em que a tecnologia parece estar a substituir as tradições familiares, que outrora costumavam ser passadas de geração em geração por meio de normas rígidas e valores transmitidos através da socialização (HADDON, 2015, p. 1-9).

A sociologia há muito se dedica ao estudo das gerações como forma de olhar para a mudança social (MANNHEIM, 1952). “Geração Y” ou “Geração *Millennials*” é um rótulo amplo para designar quem nasceu entre o início dos anos 80 do século XX e o início do século XXI (ZEMKE; RAINES; FILIPCZAK, 2013). Como todas as gerações, os indivíduos nascidos neste período partilham uma série de características, das quais talvez a mais notória seja uma nova e forte relação com as tecnologias de informação e comunicação (TIC), concebidas como parte integrante das suas vidas. Enquanto os seus pais e avós experienciaram a introdução e assistiram à generalização gradual das TIC como adultos, a socialização dos *millennials* foi mediada pela tecnologia em várias arenas das suas vidas durante as fases da infância e adolescência (ZEMKE; RAINES; FILIPCZAK, 2013; MASTROLIA; WILLITS, 2013).

A geração *Millennial* é especialista no manuseamento de tecnologia, incluindo computadores, *laptops*, *smartphones* e outros dispositivos digitais afim, *gadgets* de alta tecnologia e redes sociais digitais (MASTROLIA; WILLITS, 2013). Esta geração acusa as características muitas vezes atribuídas aos “nativos digitais”, conceito criado por Prensky (2001), para se referir aos indivíduos nascidos num período de grandes avanços nas TIC e redes sociais. Diferentemente das gerações anteriores, os *millennials* não empregam a tecnologia apenas para fins específicos e independentes. A contrário, usam-na na vida escolar, profissional e pessoal, frequentemente sobrepondo esses vários domínios. Desenvolvem tarefas diárias simultaneamente em diferentes ambientes digitais (multitarefa) (PISCITELLI, 2009), e tendem a ser simultaneamente produtores e consumidores de conteúdos nas redes sociais (URRESTI, 2008). Desde crianças ou adolescentes, as TIC constituem uma forma e um local de encontro, de aprendizagem e de vivência para os *millennials*, muitas vezes longe da supervisão da família ou de outros adultos (HADDON, 2015).

O WhatsApp é uma aplicação multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones* difundida a nível mundial, que permite aos utilizadores partilhar imagens, texto, vídeos, arquivos diversos e mensagens de voz; conduzir conversas individuais ou em grupo (KUMAR; SHARMA, 2017). Através do WhatsApp, os utilizadores podem também fazer chamadas telefónicas de som e imagem (videochamadas) grátis por meio de uma conexão com a internet. Actualmente é propriedade da Facebook, Inc. A literatura evidencia que o WhatsApp é uma ferramenta muito utilizada pelos jovens (KAZUNGU; MATTO, 2017), pelo que vale a pena investigar o quanto esta ferramenta pode contribuir para a coleta de dados em pesquisas cujo público alvo são justamente os jovens.

Porque o WhatsApp se tornou um meio generalizado de comunicação (ROSENFELD *et al.*, 2018) nos últimos anos esta plataforma tem sido utilizada em diversos domínios que não exclusivamente para a comunicação pessoal, nomeadamente na saúde, educação e, mais recentemente, em múltiplos contextos associados ao estudo e intervenção em torno da pandemia por SARS-CoV-2. A título de exemplo, no sector da saúde, o WhatsApp tem sido usado para realizar ações de apoio com profissionais, no sentido de evitar sentimentos de isolamento no doente, melhorar a comunicação interprofissional, apoiar a entrega de serviços de farmácia e reforçar programas de educação médica (COPESTAKE *et al.*, 2020).

Também no domínio da investigação científica, e qualitativa em particular, têm sido várias as experiências recentes de utilização de WhatsApp, considerando-se que o recurso a esta plataforma tem implicações na recolha de dados, na qualidade do conteúdo e na análise da informação (CHATZITHEOCHARI *et al.*, 2018). Em 2018, o WhatsApp foi escolhido como método de recolha de dados qualitativos sobre o uso de contraceptivos em jovens de Malawi. O argumento para a utilização do WhatsApp como ferramenta para obter informação sobre os adolescentes foi o facto de esta aplicação ser bastante popular entre os jovens de Malawi (KAZUNGU; MATTO, 2017). Assim, era oferecido aos jovens uma forma de obter informação sensível que pudesse ser mais difícil de partilhar numa entrevista presencial. Ainda como método de investigação qualitativa, num outro estudo, realizado em 2019 em Singapura, recorreu-se à funcionalidade específica da “discussão em grupos” possibilitada pelo WhatsApp para estudar a gestão de resíduos (CHEN; NEO, 2019). Porém, para além das vantagens enunciadas, um estudo recente, datado de 2019, que usou o WhatsApp para realizar entrevistas a distância, viria a

assinalar as dificuldades que esta metodologia enfrentou, nomeadamente as relacionadas com problemas de conexão à rede e de confidencialidade (FARDOUSI *et al.*, 2019).

## 2 Objetivos

O objetivo principal deste artigo é explorar e discutir as potencialidades do WhatsApp enquanto ferramenta de recolha de dados ao serviço da metodologia qualitativa. Mais especificamente, os objetivos incluem a reflexão sobre um conjunto de desafios enfrentados pelas investigadoras na condução de uma pesquisa empírica, nomeadamente: (1) o compromisso gerado entre entrevistadora e informante através da partilha de conteúdos por WhatsApp; (2) a gestão das expectativas em face de um eventual *digital divide* entre entrevistadora e informante; e (3) a questão ética associada à partilha de informação através de redes sociais.

## 3 Metodologia

### 3.1 Desenho de investigação

Um projeto de pesquisa qualitativa em pequena escala (DESCOMBE, 1998) foi desenvolvido com o objetivo de compreender os significados associados às práticas alimentares entre os *millennials* quando estes deixam a família de origem para viver de forma independente. O uso de uma abordagem criativa e mista (CRESWELL, 2018; KARA, 2015), apoiada na combinação de dados recolhidos por meio de diários de alimentação e entrevistas semiestruturadas foi propositalmente desenhada como uma forma de chegar a um conhecimento aprofundado e a uma visão holística sobre a realidade em estudo (MASON, 2002).

O estudo foi realizado entre novembro de 2018 e fevereiro de 2019. Participaram 22 indivíduos da geração *Millennial*: cinco homens portugueses, cinco homens espanhóis, sete mulheres portuguesas e cinco mulheres espanholas. As idades situaram-se entre os 20 e os 35 anos, o que correspondeu a sujeitos nascidos entre 1983 e 1998. Os participantes tinham habilitações e formações profissionais distintas, embora de nível superior. Aquando do início do estudo, seis residiam em conjugalidade sem filhos, três em conjugalidade com filhos, cinco com colegas do trabalho, um com amigos e sete viviam *a solo*.

A seleção dos casos foi determinada por argumentos teóricos e não por pressupostos de natureza matemático-estatística, como acontece em estudos de orientação quantitativa (DENZIN; LINCOLN, 2018). Como tal, uma amostra de casos múltiplos, por contraste e aprofundamento (PIRES, 1997), foi desenvolvida. Os critérios de inclusão para o recrutamento foram: jovens até 35 anos, portugueses e espanhóis, com elevado nível de escolaridade (licenciatura, mínimo), em transição para a vida independente e residentes em Portugal. Tanto Portugal como Espanha são países bem conhecidos pela idade tardia em deixar a casa dos pais (CINALLI; GIUGNI, 2013), facto que justifica o limite etário considerado. Todos os sujeitos da amostra tinham acesso à internet no momento do recrutamento, mas não se perguntou previamente quantos deles tinham na sua residência rede Wi-Fi e/ou dados móveis, nem sobre qual dos dois acessos tinham preferência de uso, tão-pouco se no momento da refeição tinham acesso a um ou outro tipo de rede.

Os indivíduos foram recrutados de acordo com as redes pessoais e profissionais das duas investigadoras e, posteriormente, por meio de um procedimento em bola de neve (CRESWELL, 2018). Como as investigadoras possuem profissões e nacionalidades diferentes, uma delas é espanhola e a outra portuguesa, mas ambas residem em Portugal, a rede de recrutamento de participantes foi suficientemente ampla para evitar a entropia, uma das críticas mais comuns dirigidas a este processo de recrutamento (BRYMAN, 2008).

### **3.2 Procedimentos de recolha, análise e interpretação de resultados**

A recolha de dados foi desenvolvida em três fases, sequencialmente. Em primeiro lugar, os indivíduos foram convidados a participar do estudo e a preencher um diário alimentar com indicação das principais refeições ao longo de uma semana. Este estudo tirou partido das novas tecnologias para efeitos de recolha de dados relativos às práticas alimentares, nomeadamente da utilização de *smartphones* e suas aplicações (CHATZITHEOCHARI *et al.*, 2018; GARCIA *et al.*, 2016). Especificamente, os indivíduos foram convidados a partilhar através do telemóvel as fotografias dos pratos de almoço e jantar, juntamente com uma pequena descrição. A plataforma WhatsApp foi seleccionada de comum acordo para efetuar tal partilha. Deste modo, foi possível estender para o contexto da investigação científica exatamente o mesmo meio que diariamente muitas pessoas utilizam para partilhar informações,

ideias e emoções (BHATT; ARSHAD, 2016; DESI, 2019). Aquando do recrutamento, nenhum dos sujeitos da amostra questionou a investigadora sobre o período de uma semana para a recolha de dados. Todavia, notou-se um certo “cansaço”, manifestado por alguns dos sujeitos à medida que passava a semana, sendo que a partilha de fotografias refeição a refeição e dia-a-dia foi percebida por algumas pessoas como algo “aborrecido”.

Em segundo lugar, os participantes foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada realizada de forma presencial (MASON, 2002). Após um breve conjunto de perguntas visando obter dados sociodemográficos, a entrevista foi estruturada em três seções principais. Na seção um, o entrevistado foi questionado sobre a fotografia que, de entre o conjunto de fotografias partilhadas durante a semana em análise, mais se aproximava de uma “refeição normal”. A seção dois centrou-se nas práticas alimentares na transição para a vida adulta e nas diferenças encontradas ao comparar as suas próprias práticas alimentares atuais com o período anterior à saída de casa dos pais. A terceira seção foi composta por um conjunto de questões voltadas para as práticas alimentares diárias, atuais. Durante a entrevista presencial foram seleccionadas, apresentadas e discutidas algumas das imagens que os sujeitos da amostra tinham enviado previamente por WhatsApp, para uma análise mais aprofundada quer das práticas, quer dos significados.

Durante a entrevista presencial todos os entrevistados manifestaram sentir-se confortáveis com o uso da aplicação WhatsApp, referindo que lhes era “familiar”, pois estavam “habitados a comunicar diariamente com familiares e amigos através desta plataforma”, pela qual compartilhavam informação de áudio, vídeo, texto, imagem e arquivos; que a tinham descarregada nos seus *smartphones*; e que o uso era “simples” e “gratuito”.

A recolha de dados por meio de uma entrevista apoiada em material armazenado num dispositivo móvel pessoal como o *smartphone* possibilitou um contacto muito próximo com os dados (MILES *et al.*, 2014). Enquanto a dimensão oral da entrevista estava a ser gravada de modo digital, a investigadora teve oportunidade de observar *in loco* o comportamento físico dos sujeitos entrevistados (e.g. gestos e olhares), nomeadamente o modo como manuseavam o *smartphone* para através do WhatsApp “seleccionar”, “rejeitar” ou “alternar” entre fotografias, para “apontar” determinados aspectos como os ingredientes utilizados ou a apresentação dos pratos, ou como ora “ampliavam”, ora “minimizavam” secções específicas para enfatizar questões

particulares que descreviam através de palavras. O registo destas observações foi feito pela investigadora em notas de campo e oportunamente mobilizado para a fase de análise de dados e interpretação de resultados, de que este texto é largamente tributário.

As entrevistas foram realizadas em espanhol e português, gravadas digitalmente e transcritas *verbatim* para a língua nativa. Pontualmente foram feitas pequenas adaptações gramaticais e de estilo, apenas e exclusivamente para os fins da correcção ortográfica. Em todas as fases da recolha de dados, os indivíduos foram previamente informados sobre os procedimentos; a participação foi voluntária e gratuita; e o consentimento informado oral foi obtido. De modo transversal, as investigadoras aderiram ao código ético da Associação Sociológica Internacional (ISA, 2019) e, especificamente, ao Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia (APS, 2019).

A terceira e última fase consistiu na análise dos temas emergentes em torno das práticas alimentares, procurando contrastar as experiências dos *millennials* espanhóis e portugueses. Os dados foram explorados por meio de uma análise de conteúdo qualitativa, de tipo visual, para as fotografias (ROSE, 2001) e textual, no caso das transcrições das entrevistas (MILES *et al.*, 2014). A análise qualitativa foi realizada com o *software* NVIVO12® (QSR, International) (BAZELEY; JACKSON, 2013).

A codificação seguiu um procedimento misto, segundo o qual segmentos de dados, sejam de texto ou imagem, foram associados a significados vindos da literatura e outros, incluindo a categorização *in vivo* (KRIPPENDORFF, 2019).

## 4 Resultados

### 4.1 Entrevistar com recurso ao WhatsApp: arquivo, pesquisa e profundidade

O perfil sociodemográfico dos 22 sujeitos da amostra está refletido no Quadro 1.

**Quadro 1:** Perfil sociodemográfico dos sujeitos da amostra

Entrevista	Género	Nacionalidade	Idade	Profissão	Residência
01	Mulher	Portuguesa	30	Médica	<i>Solo</i>
02	Mulher	Portuguesa	26	Médica	Namorado/a
03	Homem	Portuguesa	31	Médico	<i>Solo</i>
04	Mulher	Portuguesa	31	Médica	Namorado/a
05	Homem	Español	24	Professor	Amigos
06	Mulher	Portuguesa	28	Médica	Namorado/a
07	Mulher	Portuguesa	31	Enfermeira	Esposo/a e fillos/as
08	Mulher	Portuguesa	32	Administrativa	Esposo/a e fillos/as
09	Homem	Portuguesa	35	Administrativo	Esposo/a e fillos/as

10	Mulher	Espanhola	33	Veterinária	Solo
11	Mulher	Espanhola	33	Psicóloga	Namorado/a
12	Homem	Espanhola	31	Psicólogo	Namorado/a
13	Mulher	Portuguesa	21	Trabalhadora social	Colega de trabalho
14	Mulher	Espanhola	33	Professora de língua	Colega de trabalho
15	Homem	Espanhola	22	Músico	Colega de trabalho
16	Homem	Espanhola	22	Comunicador audiovisual	Colega de trabalho
17	Mulher	Espanhola	22	Productora audiovisual	Solo
18	Mulher	Espanhola	27	Professora de educação infantil	Solo
19	Homem	Portuguesa	21	Sociólogo	Solo
20	Homem	Portuguesa	20	Guia turística	Colega de trabalho
21	Homem	Espanhola	25	Professor de inglês	Solo
22	Homem	Portuguesa	32	Gestor de recepção hotelera	Namorado/a

**Fonte:** elaboração própria

Após a compilação dos diários de alimentação através do WhatsApp foi realizada uma entrevista semiestruturada que juntou física e individualmente a entrevistadora e cada um dos entrevistados. Nessa entrevista foi explorada em detalhe uma das refeições escolhidas livremente pelos entrevistados e identificada por eles como “quotidiana”, “normal” ou “habitual”. Esta entrevista serviria de base a um questionamento aprofundado e sistemático sobre outros aspectos relacionados com as práticas alimentares, nomeadamente os contextos e significados associados. Neste sentido, foi comparada a descrição obtida pelo WhatsApp com a descrição das fotografias seleccionadas durante a entrevista presencial. Foi observado que a descrição textual partilhada por WhatsApp era muito mais breve quanto ao número de palavras e menos rica do ponto de vista qualitativo quando comparada com a descrição obtida na entrevista presencial. Aí os entrevistados recorriam a mais adjectivos e partilhavam mais informação contextual sobre a ocasião, o lugar e as pessoas com quem se encontravam no momento da refeição, assim como informação diversa relativa ao processo de confecção ou obtenção da refeição e os significados associados.

As figuras e descrições que a seguir se apresentam exemplificam algumas das imagens e texto enviado por WhatsApp e posteriormente explorado durante a entrevista. A designação da figura traduz a informação partilhada via WhatsApp, enquanto as citações infra correspondem a transcrições *verbatim* das entrevistas realizadas.



**Figura 1:** Feijoada



**Fonte:** E19, homem, português, 21 anos, sociólogo

“Continuo a comer comida muito parecida com a dos meus pais, que é a tradicional portuguesa, como o arroz de marisco, carne à alentejana, feijoada, guisados, cozido de grão...” [E19, homem, português, 21 anos, sociólogo].

**Figura 2:** Macarrones



**Fonte:** E10, mulher, espanhola, 33 anos, médica veterinária

“Los macarrones son habituales en mi dieta. Los suelo hacer con queso, tomate frito y atún.” [E10, mulher, espanhola, 33 anos, médica veterinária].

**Figura 3:** Bacalhau

**Fonte:** E01, mulher, portuguesa, 30 anos, médica.

“O bacalhau é rotina. É cozido com grão de bico, feito em casa. [...] Cozinhar o bacalhau deve estar associado a uma espécie de cromossoma português. Costumo comer bacalhau ... [...] é fácil, acessível e prático ... Esse prato eu também comia na casa dos meus pais, mas eles preparam mais o bacalhau tradicional [...] Aprendi a fazer bacalhau no verão na casa dos meus pais, aí eu adaptei ao meu jeito [...]. [E01, mulher, portuguesa, 30 anos, médica].

A análise de fotografias partilhadas via WhatsApp permitiu acrescentar informação à já antes recolhida e, ao mesmo tempo, explorar práticas latentes e significados ocultos. A título de exemplo, e como este excerto em torno do bacalhau patenteia de modo evidente, a família surge como uma fonte de aprendizagem importante no que respeita à confecção de pratos tradicionais (11 referências). A internet (4 referências) é referida para “pesquisar novas receitas” ou “procurar ajuda” em elaborações “mais complexas”. Porém, o que predominou na amostra foi a referência à aprendizagem através da família, quando os jovens ainda residiam em casa dos pais, e o “ver fazer”, isto é, o aprender através da observação, com instruções dos adultos. Uma vez independentes, os *millennials* referem recorrer em muitas ocasiões ao WhatsApp para esclarecer junto dos familiares as dúvidas que surgem relacionadas com a confecção de um determinado prato tido por “tradicional”.

A aprendizagem culinária com apoio da família contraria até certo ponto o que foi encontrado em pesquisas anteriores, nomeadamente com o estudo *Gastromedia* (2019), que revelou o desuso das formas tradicionais de transmissão. Mas por outro lado, esta evidência parece traduzir uma adaptação na transmissão das tradições culinárias, fazendo uso hoje das novas ferramentas de comunicação a distância, como o WhatsApp. Este aspecto faz-nos refletir sobre a requerida literacia, não só por parte dos *millennials*, como

também das gerações anteriores, nomeadamente os seus pais e avós, para a partilha de informação e comunicação intergeracional.

De modo transversal, e no que respeita ao uso do WhatsApp, os resultados obtidos suscitam a reflexão sobre um conjunto de desafios enfrentados pelas investigadoras na condução de pesquisa empírica, nomeadamente: (1) o compromisso gerado entre entrevistadora e informante através da partilha de conteúdos por WhatsApp; (2) a gestão das expectativas em face de um eventual *digital divide* entre entrevistadora e informante; e (3) a questão ética associada à partilha de informação através de redes sociais.

#### **4.2 WhatsApp, coordenação e compromisso**

A expectativa das entrevistadoras relativamente à partilha de dados através do WhatsApp era elevada, desde logo, por ser esta uma ferramenta muito usada entre a população mais jovem. De facto, o recurso ao WhatsApp foi bem acolhido pelos sujeitos da amostra, segundo eles próprios verbalizaram quando aceitaram participar no estudo e, mais tarde, aquando da entrevista presencial, por ser esta uma aplicação que todos já tinham previamente instalada no seu *smartphone*. Esta constatação vai ao encontro de estudos anteriores, que veem nesta uma aplicação de uso intuitivo, fácil e gratuito, quer para os entrevistados quer para o entrevistador (KUMAR; SHARMA, 2017; ROSENFELD *et al.*, 2018).

O facto de os participantes poderem captar as fotografias das refeições com a própria aplicação do WhatsApp – recorrendo à câmara do *smartphone* – fez com que fosse muito prática a partilha das imagens solicitadas no estudo, assim como da informação descritiva e contextual a elas associada. Também por isso, e segundo verbalizaram os sujeitos da amostra no início do estudo, eles esperavam responder de forma positiva aos objectivos do estudo e ir enviando os dados pelo WhatsApp de forma fácil e rápida.

Ainda assim, foram observadas diferenças no momento e forma de envio dos dados: enquanto um dos sujeitos preferiu ir guardando no seu aplicativo móvel as fotografias das refeições e só enviar à entrevistadora ao fim de uma semana, de uma única vez, o conjunto das fotografias com a informação textual; nove sujeitos foram enviando as imagens das refeições e o texto assim que as realizavam, isto é, duas vezes ao dia, durante uma semana. Houve também um terceiro grupo da amostra, composto por cinco sujeitos, que enviou as fotografias ao fim de cada dia da semana, e um último grupo de

seis sujeitos que foi variando a forma de envio dia após dia, de maneira que havia dias em que enviava a fotografia assim que tinha tomado a refeição, e havia outros em que não enviava qualquer material, fazendo-o por exemplo no dia seguinte. Inclusive, houve algumas fotografias que foram enviadas quando a refeição estava já no final, e o prato quase vazio, justamente porque o sujeito se esqueceu de partilhar a fotografia no início da refeição, isto é, ainda com o prato “íntacto”.

As diferenças encontradas conduzem-nos a equacionar os vários aspectos da metodologia seleccionada, assim como das características pessoais de cada sujeito da amostra, na medida em que previamente foi discutida e acordada a forma e o momento da partilha entre entrevistador e entrevistado. No entanto, porque a entrevistadora deu liberdade de escolha aos entrevistados sobre o momento de partilhar as fotografias e a informação afim, isto pode constituir um elemento limitador. Por outro lado, refira-se que quaisquer omissões no envio da informação não ficam a dever-se a qualquer limitação da ferramenta WhatsApp, mas sim aos diferentes perfis de utilizador e compromisso assumido para a partilha dos dados.

#### **4.3 Dados móveis, conexão Wi-Fi e a gestão da apresentação *de si***

Relativamente à conexão à rede, esta não foi sempre igual, nem sempre boa, já que segundo os próprios sujeitos da amostra informavam, nem sempre havia disponível rede Wi-Fi e, por outro lado, nem todos os sujeitos tinham dados móveis no telemóvel, ou preferiam não os usar para este fim, fosse para não os “gastar”, fosse para os “poupar” para outros propósitos. De facto, os nove sujeitos que enviavam a imagem da refeição logo que tiravam fotografia tinham dados no telemóvel. Os cinco sujeitos que enviavam as fotografias no final do dia eram aqueles que não tinham dados no telemóvel e somente no domicílio tinham acesso Wi-Fi, sendo o final do dia o momento certo em que se encontravam em casa e então enviavam os dados por WhatsApp à entrevistadora. O sujeito que aguardou para enviar tudo ao fim da semana não tinha acesso a Wi-Fi nem dados móveis na residência própria, mas aguardou ir a casa dos pais, para aproveitar a rede Wi-Fi deles, da qual costumava fazer uso frequente, para enviar os dados de uma só vez.

Relativamente aos seis sujeitos que foram variando o momento de partilha de dados, eles referiram ter Wi-Fi em casa e dados móveis no telemóvel, mas não querer fazer uso constante desses dados (dois sujeitos) ou não ter rotinas fixas que permitissem

enviar a informação sempre à mesma hora (quatro sujeitos). Outras vezes os sujeitos invocaram ter pouca ou nenhuma bateria no telemóvel e não conseguir carregá-lo no momento da refeição, por não terem carregador consigo ou fonte de energia próxima, de forma que preferiam captar a fotografia no momento mas partilhá-la somente quando conseguissem carregar o telemóvel ou usar o aplicativo de algum amigo ou conhecido perto que lhes pudesse enviar a fotografia. Por esta razão, muitos dos sujeitos preferiam enviar os dados ao final do dia, justamente porque esse era o momento em que se encontravam em casa com rede Wi-Fi.

Por outro lado, quem preferiu ir guardando as imagens e enviar só ao fim de uma semana verbalizou que fazia “parte da sua personalidade” ir compondo o diário como foi pedido inicialmente no estudo, de forma a partilhar uma informação “bem-apresentada”, quer das imagens, quer da informação textual. Para além desta função manifesta, de modo latente, ao procederem deste modo os sujeitos observados garantiam também uma certa gestão da apresentação de *si*, beneficiando de um período de tempo e espaço reservado onde podiam reflectir melhor sobre o material partilhado (e.g. imagens e texto), enviando apenas aquele com o qual “se sentiam mais identificados”.

Por último, os sujeitos que preferiram ir enviando as imagens das refeições à medida que as realizavam expressaram que o faziam assim porque evitavam ter que perder tempo a organizar a informação, e porque podiam ir eliminando as fotografias assim que as partilhavam para dispor de mais espaço para outros usos no seu aplicativo.

Uma questão importante a assinalar é que o WhatsApp não dispõe de alarmes recordatórios que pudessem ter sido utilizados de forma sistemática para lembrar os sujeitos antes de cada refeição para que não se esquecessem de captar a fotografia ou de a enviar posteriormente à entrevistadora. Isto fazia com que muitas vezes coubesse à entrevistadora a tarefa de lembrar a cada dia ou cada refeição os sujeitos da necessidade de enviar estes dados ou de ir organizando os mesmos para os partilhar no final do dia, de modo a não perder essa informação. Esta circunstância fez com que entrevistadora e entrevistados ficassem por vezes tensos e pressionados ante a (im)possibilidade da partilha, perdendo-se assim a espontaneidade da participação. Acresce que devido aos seus horários pessoais e compromissos profissionais, nem sempre a entrevistadora se lembrou ou conseguiu atuar como recordatória para tal fim.

#### 4.4 Partilha, armazenamneto e a ética no digital

A geração *Millennial* é atravessada pela tecnologia e pelas redes sociais digitais (ZEMKE, 2013), que as empregam para a vida académica, profissional e pessoal. Nessas redes, esta geração é presença assídua, exímia e multitarefa (PISCITELLI, 2009), atuando tanto como produtora como consumidora activa e pró-activa de conteúdos (URRESTI, 2008). Na amostra em estudo, os *millennials* detinham habilitações escolares elevadas, facto que ajudou sobremaneira no conhecimento, uso e domínio da tecnologia envolvida para a recolha de dados. Por outro lado, os sujeitos tinham um nível socioeconómico globalmente bom. Como resultado, todos os sujeitos dispunham de *smartphones* e dados móveis, aspecto que, mais uma vez, favoreceu o uso do WhatsApp como ferramenta ao serviço da investigação.

Aquando do recrutamento, a cada sujeito foi explicado em que iria consistir o estudo, tendo-lhe sido garantido o anonimato, respeito e confidencialidade dos dados, e pedido expressamente o consentimento informado verbal, quer para participar no estudo, quer para gravar as entrevistas, quer ainda para divulgar os resultados com fins científicos. Da mesma forma, foi sempre esclarecido que podiam abandonar o estudo em qualquer momento e que a participação era voluntária e gratuita. Todos os sujeitos que então aceitaram participar no estudo sentiram-se seguros e confortáveis com o uso de WhatsApp para partilhar a informação segundo estes verbalizaram de forma espontânea (cinco sujeitos) ou quando questionados directamente pela entrevistadora de forma intencional na entrevista presencial (17 sujeitos).

Sendo que as questões gerais relativas à segurança e privacidade do WhatsApp para partilha de dados pessoais são definidas centralmente pela empresa e aceites aquando da instalação da aplicação nos dispositivos, várias opções são configuradas directamente pelos utilizadores (e.g. “quem pode ver os detalhes de perfil”, designadamente a “última vez *online*”, “fotografia de perfil”, “biografia”, “estado” ou “partilha de localização”, etc.). No caso particular da entrevistadora, à medida que esta recebia a informação guardava-a em ficheiros autónomos e anonimizados no seu computador pessoal e também num projecto no *software* NVivo, eliminando-a posteriormente da plataforma WhatsApp. No final da investigação os contactos telefónicos dos sujeitos observados foram igualmente eliminados do dispositivo móvel pessoal da investigadora. De referir que para além da clarificação dos termos de obtenção do consentimento informado, nenhum dos

sujeitos da amostra questionou as investigadoras sobre o armazenamento posterior dos dados, tão pouco sobre a divulgação de resultados.

## 5 Conclusões

Globalmente, podemos concluir que o recurso à plataforma WhatsApp traz vantagens para a investigação científica, particularmente na fase de recolha de dados. Ainda assim, existem aspetos logísticos e de planeamento que podem dificultar a recolha de dados, desde logo, a necessidade de energia elétrica para carregar os telemóveis, bateria nos mesmos ou disponibilidade de rede de internet.

O facto de nesta investigação o recurso ao WhatsApp ter sido bem acolhido pelos entrevistados na sua relação com a entrevistadora e com a investigação justifica-se em parte pelo facto de os *millennials* serem descritos como uma população “digital”. O recurso ao WhatsApp para fins de investigação científica pode ser útil para chegar ao público jovem devido à flexibilidade, conveniência e portabilidade da tecnologia, aliada à familiaridade da plataforma WhatsApp nestas gerações. Como antecipado, verificou-se que a população em estudo conhecia a aplicação WhatsApp e que o facto de esta lhes ser familiar e de uso quotidiano permitiu uma partilha de dados fácil e rápida.

Quanto ao momento de partilha dos dados, podemos concluir que as diferenças encontradas se devem a três aspectos principais: por um lado, factores externos, como a conexão à rede e a (in)disponibilidade de bateria no dispositivo; por outro, a factores internos psicossociais, como a personalidade do entrevistado ser mais “impulsiva”, “dependente” ou “perfeccionista”, “cuidadosa” ou “responsável”; e, por último, a factores internos relacionados com o desenho da investigação e os instrumentos utilizados, nomeadamente a flexibilidade definida para o estudo em prol da facilitação da participação no estudo que permitiu aos sujeitos ir enviando os dados conforme as suas possibilidades, ou o facto de o WhatsApp não dispor de alarmes recordatórios que se pudessem accionar para que os sujeitos não se esquecessem de partilhar os dados. O WhatsApp pode também constituir uma opção (mais) económica em algumas circunstâncias, uma vez que permite aos investigadores recolher dados de forma contínua, sem custos adicionais. Este estudo permite também concluir que o WhatsApp garante o anonimato e confidencialidade dos dados, constituindo-se como uma ferramenta através da qual os jovens verbalizam sentir-se confortáveis na hora de partilhar informação pessoal.

Apesar das vantagens que lhe reconhecemos, o uso do WhatsApp pode não ser adequado em todas as categorias demográficas, já que requer que as populações-alvo tenham certo nível de alfabetização e literacia tecnológica, e também um certo nível económico, que permita ter acesso a *smartphones* e/ou à rede Wi-Fi e de dados móveis.

Em suma, a plataforma WhatsApp pode ser vantajosa na hora de abordar tópicos sensíveis ou quando trabalhamos com populações estigmatizadas ou preocupadas com uma participação mais visível, como acontece com as entrevistas em profundidade, já que permite eliminar rápida e eficazmente a informação partilhada, quer pelo emissor, quer pelo receptor. Porém, como a tecnologia está constantemente a ser aplicada de forma nova para fins de investigação científica, é importante que sejam estabelecidas e conhecidas directrizes éticas sobre a segurança, privacidade e integridade dos dados em presença.

## Referências

APS. **Código Deontológico**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. 2019. Disponível em: <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BAZELEY, P.; JACKSON, K. **Qualitative Data Analysis with NVivo**. 2. ed. Los Angeles: Sage Publications, 2013.

BHATT, A.; ARSHAD, M. Impact of WhatsApp on youth: A Sociological Study. **IRA-International Journal of Management & Social Sciences**, Índia, v. 4, n. 2, p. 376-386. 2016.

BEASLEY, L.; HACKETT, A.; MAXWELL, S. The dietary and health behaviour of young people aged 18-25 years living independently or in the family home in Liverpool. **International Journal of Consumer Studies**, Wiley Online Library, v. 4, n. 28, p. 355-363, sep. 2004. doi: 10.1111/j.1470-6431.2004.00394.x

BRYMAN, A. **Social research methods**. 5<sup>th</sup> Edition. Oxford: Oxford University Press, 2008.

CHATZITHEOCHARI, S. *et al.* Using New Technologies for Time Diary Data Collection: Instrument Design and Data Quality Findings from a Mixed-Mode Pilot Survey. **Social Indicators Research**, Rome, v. 1, n. 137, p. 379-390, jan. 2018. doi: 10.1007/s11205-017-1569-5

CHEN, J.; NEO, P. **Texting the waters**: An assessment of focus groups conducted via the WhatsApp smartphone messaging application. *Method Innov.* SAGE Publications; September. 2019, v.12, n.3.

CINALLI, M.; GIUGNI, M. New challenges for the welfare state: The emergence of youth unemployment regimes in Europe? **International Journal of Social Welfare**, Wiley Online Library, n. 22, p. 290-299, jan. 2013. doi:10.1111/ijsw.12016.

COPESTAKE, J. *et al.* **Recently graduated midwives in Uganda: Self-perceived achievement, wellbeing and work prospects**. Midwifery: Churchill Livingstone, 2020.



COSTA, R. iPhone, iResearch. Exploring the use of smart phones in the teaching and learning of visual qualitative methodologies. **Journal of Visual Literacy**, United Kingdom, v. 38, n. 1-2, p. 153-162, apr. 2019. doi: 10.1080/1051144X.2019.1567073

CRESWELL, J. **Research design. Qualitative, quantitative, and mixed methods Approaches**. Fifth edition. Los Angeles: Sage Publications, 2018.

DESCOMBE, M. **The good research guide for small-scale social research projects**. Buckingham: Open University Press, 1998.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. Los Angeles: Sage Publications, 2018.

DESI. **Digital Economy and Society Index Report Brussel**. European Commission, 2019. Disponível em: <https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/desi>. Acesso em: 18 fev. 2019.

FARDOUSI, N.; DOUEDARI, Y.; HOWARD, N. **Healthcare under siege**: A qualitative study of health-worker responses to targeting and besiegement in Syria. *BMJ Open*. BMJ Publishing Group, 2019.

GARCIA, B.; WELFORD, J.; SMITH, B. Using a smartphone 'app' in qualitative research: the good, the bad and the ugly. **Qualitative Research**, Loughborough, v. 16, n. 5, p. 508-525, jul. 2016. doi: 10.1177/1468794115593335

GASTROMEDIA. **Estudio de hábitos digitales de los españoles en alimentación**. Barcelona, 2019. Recuperado de: <http://docplayer.es/docview/77/75525470/#file=/storage/77/75525470/75525470.pdf>. Acesso em: <https://ivoropro.com/habitos-digitales-alimentacion/>

HADDON, L. Social Media and Youth. In: MANSELL, R.; ANG, P. H. (ed.). **The International Encyclopedia of Digital Communication and Society**. [S.I.]: Wiley Online Library, 2015. p. 1-9.

ISA. **Code of Ethics of the International Sociological Association**. Madrid: ISA, 2019. Disponível em: [http://www.isa-sociology.org/about/isa\\_code\\_of\\_ethics.htm](http://www.isa-sociology.org/about/isa_code_of_ethics.htm). Acesso em: 18 fev. 2019.

JURGENSON, N. **The social photo**: On photography and social media hardcover. Verso Book Edition. Londres: Bloomsbury, 2019.

KARA, H. **Creative research methods in the social sciences. A practical guide**. Bristol: Polity Press, 2015.

KAZUNGU, I.; MATTO, G.; MASSAWE, H. Social Media and Performance of Micro Enterprises in Moshi Tanzania. *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, Pakistan, v. 7, n. 5, p. 144-157, 2017.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis: An Introduction to Its Methodology**. 4<sup>th</sup> edition. Los Angeles: Sage Publications, 2019.

KUMAR, N.; SHARMA, S. Survey Analysis on the usage and Impact of Whatsapp Messenger. **Global Journal of Enterprise Information System**, Bangalore, India, v. 8, n. 3, p. 52-57, apr. 2017.

- MANNHEIM, K. **Essays on the sociology of knowledge**. First edition. Oxford: Oxford University Press, 1952.
- MASON, J. **Qualitative researching**. 2<sup>nd</sup>. Edition. London: Sage Publications, 2002.
- MASTROLIA, S.; WILLITS, S. Millennials. What Do We Really Know About Them? **Advances in Accounting Education**, Akron, v. 14, p. 45-72. 2013. doi: 10.1108/S1085-4622(2013)0000014009
- MILES, M.B.; HUBERMAN, M.; SALDAÑA, J. **Qualitative data analysis: A methods Sourcebook**. Third edition. Los Angeles: Sage Publications, 2014.
- PIRES, Á. Échantillonnage et recherche qualitative: Essai théorique et méthodologique. In: POUPART, J.D. *et al.* **Á. Montreal: Enjeux Épistémologiques et Méthodologiques**. Montreal: Gaëtan Morin, Éditeur, 1997. p 113-167
- PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. **On the Horizon**, United States, v. 9, n. 5, p.1-6, oct. 2001. doi: 10.1108/10748120110424816
- PISCITELLI, A. **Nativos digitais**. First Edition. Buenos Aires: Santillana, 2009.
- ROSE, G. **Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials**. 4<sup>th</sup> Edition. London: Sage Publications, 2001.
- ROSENFELD, A. *et al.* WhatsApp usage patterns and prediction of demographic characteristics without access to message content. **Demographic Research**, Rostock, Germany, v. 39, n. 22, p.647–670, sep. 2018.
- SOGARI, G. *et al.* College Students and Eating Habits: A Study Using an Ecological Model for Healthy Behavior. **Nutrients**, Australia, v. 10, n. 12, p. 1823, nov. 2018. doi: 10.3390/nu10121823
- URRESTI, M. Ciberculturas juveniles: vida cotidiana, subjetividad y pertenencia entre los jóvenes ante el impacto de las nuevas tecnologías de la comunicación y la información. In: URRESTI, M. **Ciberculturas juveniles**. Buenos Aires: La Crujía, v.6, n.11, p. 13-66, 2008.
- ZEMKE, R.; RAINES, C.; FILIPCZAK, B. **Generations at work: Managing the clash of Boomers, Gen Xers, and Gen Yers in the workplace**. Second Edition. New York: AMACOM, 2013.

**Recebido em:** 30 de junho de 2021.

**Aceito em:** 20 de agosto de 2021.